

## O PROJETO HUMANISTA NOS TEMPOS ATUAIS

**Felipe Gusmão Carvalho Andrade**

Graduando em Ciências Sociais  
pela Universidade Federal de  
Goiás.

---

De tempos em tempos é bem possível que a linguagem possa se reduzir a pequenos estímulos corporais, sem que tenha um significado possível. Em uma sociedade de relações cada vez mais inócuas, o diálogo só pode ser reduzido às constatações mais breves sobre algum acontecimento particular; nada mais poderá ser pensado, questionado e até mesmo aprofundado. Tal constatação é uma pequena reflexão sobre a razão em si, como parte fundamental de nossos processos psíquicos complexos, dando-lhe um caráter que nos diferencia dos animais. Podemos sonhar, sentir emoções, mas acima de tudo, podemos desenvolver todo um universo a partir da nossa própria consciência. A questão, portanto, está no limite de nossa própria realidade. Diante de um empobrecimento do diálogo, do pensar como reflexão crítica, ouvimos dizeres assustadores que se fundamentam em um afastamento de qualquer problematização racional.

Nos muros da universidade é predominante a linguagem academicista, positivista. No entanto, surgem agora termos novos que se estreitam no “pós-modernismo”, ou “pós-estruturalismo”, e por aí vai, com seus dizeres pré-fixados por “pós”. Primeiramente, não podemos afirmar que vivemos em uma sociedade “pós” qualquer que seja a situação; ainda nos situamos dentro dos mesmos questionamentos da modernidade. Em segundo lugar, não existe uma ruptura entre a modernidade e a “pós-modernidade”, pois enquanto o primeiro se dá com uma ruptura radical entre os

valores ideológicos, políticos, econômicos e sociais, uma mudança na totalidade das velhas instituições feudais, religiosas e derrocada de algumas classes sociais na passagem do período feudal para o capitalismo, o segundo ainda permanece em uma mesma estrutura social como um todo, sem profundas alterações na totalidade, mas apontando para mudanças nas ideologias, valores e questionamentos inerentes a qualquer período histórico. Portanto, o pós-moderno é um eufemismo para se dizer que a modernidade esgotou em suas pressuposições, o que de fato é um questionamento falso.

Se, pensamos na modernidade, temos que destacar as suas várias características, mas como demonstrado no início, queremos apenas dialogar com o aspecto da razão. E o que diferencia o significado de razão de certa modernidade do século XVIII para o nosso tempo atual, no século XXI? A questão seguinte é de certa forma, um pouco difícil de ser descrita. Vimos que no século XVIII existiam diferentes movimentos, autores(as), distintas correntes teóricas que desenvolviam e colocavam a crença em certo progresso da humanidade, por meio do desenvolvimento do conhecimento, da liberdade, de uma sociedade mais igualitária, etc. (a filosofia do Iluminismo); outra corrente, mais pessimista (o irracionalismo), questionava essa certa crença no progresso – entenda-se progresso das mais diversas formas, seja a liberdade, um projeto humanista, uma paz perpétua, na ciência etc., sem ser pensado apenas como positivismo. Dessa forma, os pessimistas, céticos em uma possível melhoria do ser humano, fizeram uma crítica destrutiva da razão e do projeto Iluminista. Assim, o que seria a razão, senão um mito criado pelos filósofos iluministas? Diria Nietzsche, pois ninguém vê a “razão”, nem poderia comprovar a sua existência. Outros mais recentemente, como Foucault, diriam que a razão estaria associada ao poder, seguindo que as ciências humanas deveriam destruir quaisquer relações de poder, ou seja, o próprio ser humano. Daí em diante, diversos pensadores desenvolveram um novo diálogo com a existência humana, o chamado irracionalismo.

O irracionalismo se caracteriza por uma nova forma de valorização da vida humana, em seu sentido menos amplo. Devemos dar ênfase às nossas subjetividades, sentimentos, paixões, tratar cada pormenor da nossa existência, tendo como referência ela mesma. Diante de tais premissas, o ser humano torna-se demasiado humano, reforçando apenas a sua existência singular, sem que haja nenhuma crença em um futuro melhor ou na comunidade/sociedade, mas o que importa é apenas a sua individualidade, e o desenvolvimento de suas potencialidades – assim, é sempre exaltada a arte, a música, o amor, a embriaguez etc. Esse pensamento teórico, no seu começo, final do século XIX, não possuía tanta amplitude, nem social, tampouco acadêmica; até que depois das maiores tragédias humanas, a Primeira e Segunda Guerra Mundial, nada poderia reforçar mais a perda de sentido da vida, ou seja, a crença na paz perpétua, na ciência, tecnologia ou em uma comunidade mundial de trabalhadores unidos.

Assim, no mundo cria-se uma nova experiência de vida, pautada em novos valores, construções e sentidos para a nossa existência. Afirmações como: a realidade não é objetiva; cada indivíduo vê o mundo de acordo com a sua subjetividade; a vida deve ser aproveitada a cada instante; o humanismo é uma arrogância; o indivíduo não existe; e por fim, a história e a teoria como grandes maneiras de acesso ao conhecimento humano perdem o seu sentido, se tornando um “mito”, e se reduzindo em fragmentos e crônicas do dia-a-dia, pequenas narrativas, etnografias descritivas da vida íntima. Dentro desse acontecimento, qualquer conversa mediada por indivíduos se reduz a discussões competitivas ou um interminável compartilhamento de vivências que perdem qualquer sentido mais amplo, e no mais, tornam-se superficialidades. Integram-se esses valores em quase todas as esferas de nossa vida cotidiana. A arte já não possui nenhuma tendência, ou vanguarda, estilo, qualidade; o amor busca a sua satisfação apenas em si mesmo, e a construção de relações permanentes se esgota em pretensões libertárias que se confundem com conflitos intermináveis; a inteligência e a argumentação se tornam

um engodo para aqueles que querem apenas usufruir o máximo possível de alguma ideia momentânea, sem pensar nas suas consequências.

O que vemos é um reflexo de uma sociedade resignada, cansada de lutar por novos ideais, que foram destruídos, se conformando com os aspectos mais aparentes da vida. Antes, poderíamos dizer que existia uma sociedade de consumo, acelerada pela expansão do mercado consumidor pós-guerra e o desenvolvimento da tecnologia, dessa forma, poderíamos criticar o ser humano que permanecia no estado do “ter”; atualmente, as nossas relações com o mundo e com os outros se fragmentaram ainda mais, passando para o estado das “aparências”, e cada vez mais, a proximidade se torna uma ilusão, dando ênfase nos aspectos cotidianos e individuais. Não é por acaso que questões sexuais, raciais, gênero, entre outros apareçam como preocupações essenciais para o conhecimento humano, pois como questionamento fundamental dessa nova corrente, está a subjetividade do outro, em suas mais destacadas idiossincrasias.

É importante para aqueles que ainda buscam conhecer o mundo, ainda acreditam em um projeto que vise uma sociedade melhor, não esquecer que tais valores atuais estão em consonância com um período histórico novo, transitório, e podem entrar em contradição com a sua própria visão de mundo que busca ser resgatada diante do pensamento hegemônico. Diante disso, precisamos nos questionar acerca dos sentimentos, das nossas relações sociais, do uso que fazemos da tecnologia, do ambiente em que estamos inseridos cotidianamente, e, por fim, do nosso projeto. Se ainda almejamos uma transformação, não podemos deixar a razão de lado; ela é, e sempre será a única ferramenta possível para o exercício crítico, consciente e questionador da realidade que existe, seja em nossas relações sociais, no trabalho, nas leituras e atividades que fazemos cotidianamente. O problema é que até mesmo a escrita tornou-se inócua; não atinge mais ninguém, e pouco traz aprofundamentos, pois a superficialidade é o padrão para qualquer expressão atual, dentro do jornalismo, nos livros atuais mais vendidos, nas conversas, redes sociais, e a capacidade de concentração aparenta estar até mesmo diminuindo. No entanto, o lema deve continuar

## Revista Posição

o mesmo: todo texto, expressão artística, intelectual em geral, para se manter engajado deve estar atento aos questionamentos mais críticos do seu tempo presente. Esta é a função do intelectual e de todas as pessoas que aderem à luta por uma transformação radical dessa sociedade capitalista, que se propõem a militar por um projeto humanista concreto, sem abstrair os fracassos das lutas anteriores fracassadas, mas retirando delas o horizonte para continuar apostando no marxismo como teoria revolucionária, e na contínua afirmação de uma nova sociedade. É mais do que urgente a crítica à sociedade existente, seus ídolos, instituições decadentes, modismos intelectuais que aparentam serem “novos” e os interesses reformistas das classes privilegiadas que apenas visam ao reformismo e a continuação da situação existente.

As nossas angústias, decepções e limitações não são nada mais do que uma situação transitória, que só pode ser radicalmente transformada pelo resgate do humanismo concreto e da razão, com a finalidade entre os meios e fins na concretização da emancipação humana, pois este objetivo nunca se findará até que o capitalismo continue a existir. As reflexões devem continuar a serem construídas permanentemente, através da verdadeira luta política que se apoia nos valores humanistas concretos e na perspectiva da classe trabalhadora – do proletariado. Mesmo que o dia a dia nos tempos atuais contrarie todas as esperanças por um futuro melhor, a solidão e as angústias sejam a regra da existência, ainda precisamos sonhar, avançar a nossa consciência crítica para que deixemos um legado maior no sentido da emancipação humana, e não apenas de nossa vida individualizada e dominada por valores irracionais.